

encenação
Luísa Monteiro

interpretação
Raphael

estreia
17 de Março de 2016
Auditório Municipal de Albufeira





teatro

O JUDEU
 que guardou portugueses
 no **QUARTO** de Van Gogh

luisaMONTEIRO

2016

O judeu que guardou portugueses no Quarto de Van Gogh

monólogo

Espaço exíguo com sacos de serapilheira e papéis velhos. Uma cadeira como a que se vê na pintura O Quarto, de Van Gogh (1888-1889). Homem ainda jovem, muito magro, vítima do horror nazi. Usa um casacão velho e tem botas muito desgastadas. Surge de entre os sacos de serapilheira.

Quem são vocês? Marcaram na agenda a vossa visita?

Tchekhov não disse nada... Tem que haver disciplina, meus senhores... Eu preciso de dormir... Mas vocês são daqueles que estão mortos sem saberem ou daqueles que estando vivos preferiam... às vezes viver?

Há dias também apareceram aqui uns a dizerem que a guerra tinha acabado. Como se eu acreditasse que algum vez a guerra acabe...

E disseram mesmo, o senhor está livre! Depois de tantos anos... Livre!

Disse-lhes o que agora vos digo: não saio daqui.

E daqui não saio! Bem sei, o que querem é que eu desate a correr e depois fuzilam-me, como fizeram aos outros. Não, daqui eu não saio...

Aqui estou vivo. Sobre este chão, entre estas paredes, entre os ratos, estou vivo!

... Os outros também só queriam proteger-me e levaram-me para os campos da morte!

Aqui, estou muito bem. Aqui, costumo lidar de muito perto com os mortos – à distância do tampo desta cadeira, que é a minha secretária. Eu deste lado, eles desse, eles falando, eu tirando anotações. Às vezes, os mortos ficam em silêncio a olharem para mim... Como agora. E eu fico na dúvida sobre o lugar de onde realmente está a morte. Sorriem de vez em quando, cruzam ou descruzam a perna... E olham-me... Não sei para quê, nem sei onde elas se encontram... as anotações!... De manhã as folhas estão sempre tão sujas e tão frias...

Cumpro esta tarefa desde que os meus vizinhos alemães me arrancaram da minha editora e me transferiram de campo para campo até eu chegar aqui a Mauthausen... Um campo de protecção para judeus como eu, aqui perto de Linz, dizem... Eu não tenho culpa de falar alemão, português, francês, italiano, russo e um bocadinho de hebraico... só um bocadinho...

Aqui protegem-me tanto que desde que entrei nunca mais vi o dia...

Quando me injectam com um líquido amarelo, dão-me uma tigela de sopa... mas só quando lhes apetece...

Não aparecem há já uns tempos... E ultimamente também não tenho ouvido tantos gritos...Acho que os senhores alemães não gostam de intelectuais, embora digam que reservaram Mauthausen para pessoas com resistência... e da Resistência... deve ser isso... só pode ser; é impossível que o facto de eu ser judeu os incomode assim tanto... um deles até trabalhava na minha editora, a fazer correcções... E ia a minha casa, ouvir música e jantar... Acho que os meus vizinhos eram todos nazis...chiu... isto não se pode dizer... Na altura em que fui preso, tinha em mãos uns textos do Franz Kafka para editar...

Mas o Franz Kafka continua a aparecer-me todas as noites. Nunca deixou de me acompanhar nas minhas longas jornadas de trabalho literário. Só que fica do lado de lá da janela deste quarto, que é o quarto de Van Gogh, como os senhores podem ver...

Eu tinha o original, o quarto de Van Gogh original na minha editora, por trás da minha secretária, quando os senhores alemães me arrancaram de lá... Tinha sido o meu avô quem mo deu quando eu nasci, para eu nunca ter medo... O meu avô foi de Albufeira a Paris por causa de um negócio de figos. Comprou o quadro estava Van Gogh muito embriagado. E disse ao meu avô: “igual a esse vou fazer muitos mais!” O meu avô sempre me dizia: Van Gogh protege-nos do mal! Sempre que tiveres medo, Tomás, fixas os olhos neste quadro! Há no quarto de Van Gogh um anjo que protege de todos os demónios!! Nós os portugueses acreditamos em anjos...

Deveria haver um quarto de Van Gogh em todas as partes do mundo! Ah, pois é!

Na altura, antes de me trazerem para aqui, injectaram-me coisas líquidas na cabeça; parece que eu tinha uma cabeça perigosa... Nem me deixam assistir às peças de teatro, aos concertos que devem fazer lá nos pavilhões... Mas agora eu lembro-me mal das coisas perigosas... Gosto, sim senhores,

gosto de viver aqui em Mauthausen, sim... Mas tenho uma queixa a fazer... O Gauguin, o Paul Gauguin... é que anda a dormir com a enfermeira ali no quarto ao lado, chiu... Isto não é bonito de se dizer... Eu ouço-os. Ouço, mas eu não disse nada, nada saiu da minha boca...

“Chiu! Tenha um discurso escorreito!” É assim que vocês, os senhores doutores alemães, me dizem para fazer... E eu estava a falar de Franz Kafka, o judeu que escreve em alemão, o único capaz de casar a arte com a profecia. Não posso perder o fio do pensamento... De Franz Kafka, nascido em 1883 e falecido em 1924!... (*zangado*) O que querem de mim se Kafka morreu!?

Mas eu nunca me importei que Kafka andasse por aqui a espiar, afinal, são tantos os mortos que andam por aqui à espera de serem ouvidos... Não deixo morrer nenhum deles! Eu ouço-vos a todos, mas com disciplina, meus senhores! Têm que marcar a vossa vez na minha agenda! Eu sou um editor com brios!

Há três noites atrás, Kafka veio despertar-me ainda eu estava no primeiro sono. Tchekhov, o meu fiel secretário canino, único na imparcialidade e rigor dos juízos sobre as minhas visitas, olhou-me atónito, dizendo-me que aquela visita não estava

marcada. *(faz gestos e sons das possíveis expressões do focinho de Tchekhov)*

O que é? – perguntei-lhe com sono... É que eu não gosto que os mortos me despertem antes da hora deles! *(late como se fosse o seu cão)* Era o Sr. Kafka que me queria falar! Tem um riso irresistível... Sentei-me então na cama a ouvi-lo, num nervosismo tranquilo e paciente, capaz de lhe beber toda a voz como um gomo de luz...E então, ele disse-me... onde está o que ele me disse...? *(descobre o papel)*:

Eu não consigo imaginar uma maior felicidade que aquela que sinto ao estar contigo durante todo o tempo, sem interrupção, infinitamente, mesmo que sinta que aqui neste mundo não existe nenhum lugar sem perturbações para o nosso amor, tanto aqui na aldeia como em qualquer outro sítio; e eu sonho com um túmulo, profundo e estreito, onde podemos apertar-nos um ao outro com os nossos braços como se fossem ganchos, e eu esconderia o meu rosto em ti e tu esconderias o teu rosto em mim, e ninguém jamais nos iria ver nunca mais.¹

A voz dos escritores, quando dizem o que não é possível ser dito pelas pessoas comuns, deixam-nos

¹ Excerto de *O Castelo*.

os olhos líquidos... Porque o Sr. Kafka não é um escritor de ficções ou oráculos. É um artista!

E eu voltei a adormecer com ele a meu lado... Cheguei-me ao corpo de Kafka, assim de mansinho... só para lhe acariciar a ponta da camisa entre o polegar e o indicador... É um velho tique infantil meu, para afastar o medo que tinha dos mortos na minha infância, que se ocultam todos, todos debaixo da cama de Van Gogh...

Chiuuu! Vocês não podem contar isto a ninguém! A arte da confidência tem por disciplina-base o segredo! Não se deve contar os segredos dos mortos! Aqui, recebi o tratamento adequado!... Queriam-me louco! Sim, os loucos dizem a verdade toda!

Como dormi bem nessa noite. Depois levantei-me e fui para a cadeira, que é o meu escritório desde que perdi a minha editora, como já disse. Parei junto da estante onde acumulo discos e fitas e livros desde há décadas...

Que vozes eu terei ali? O meu tabaco...?

(procura livros na estante invisível; também procura no chão.)

Olha aqui a partitura que eu toquei no *Chat Noir*... Foi nessa noite que eu conheci o José das Neves...

Tão fascinado que fiquei pela inteligência daquele jornalista de Lisboa...

(faz das cadeiras um piano, com papel um papillon e com a parte de cima do pijama, faz uma labita. Toca “Lisboa Antiga” – José Galhardo, Amadeu do Vale e Raúl Portela – 1937 - e depois deixa a cadeira e tecla o ar; estes gestos desencadeiam uma dança; pára e veste a parte de cima, acende um cigarro, fica pensativo, parado.)

(quase chora) Ah! Que falta de respeito fumar na presença dos mortos!... Há memórias que nunca devem ser despertadas... *(desmancha o “piano” e senta-se; volta-se para o cão invisível)* Respeito por mim, acima de tudo, não é, Tchekhov? *(afaga o cão imaginário)* Gosto quando olhas fixamente para mim, com a tua respiração sobre as minhas pernas de flanela às riscas. Aqui, neste quarto... O quarto de Van Gogh em Mauthausen...

O quarto que eu e tu sabemos não ser de Van Gogh. Nem meu.

Eu não sei onde está a fita magnética com a voz de Kafka... *(procura; desiste; para o público)* Guardam segredo, senhores doutores? Foi Max Brod que ma roubou!!! Sim, sim, aterrem-se! Max Brod, eu bem sei!

Porque eu guardo tudo... Que saudades eu tenho do José das Neves e dos seus amigos. Devo ter para aqui qualquer documento (*mergulha a mãos em papéis*) Ah, olha aqui o Casimiro, o Abel... e o José!... As minhas memórias...

A grande riqueza de um judeu é o conhecimento. O saber vai connosco para toda a parte, nenhuma bomba o põe em ruínas nem governo algum o rouba!... Passamos o tempo a fugir de um lado para outro! O saber é a única coisa que podemos levar, porque está em nós. Deus é um par de botas. É com as botas que fazemos o nosso caminho. Não conheço religião mais genuína que o amor a um par de botas... *Godillons*, como se diz em França! *Godillons*! Conhecer estes homens, foi tremendo para mim...

Olha aqui a fotografia do Casimiro! Bom português, este! Tinha-me pedido para a entregar aos pais... E vou entregar, assim que eu puder, eu entrego. São de Loulé, da aldeia de São Clemente. Ria muito!... Um solteirão cá dos meus!

A minha editora era em Paris, onde estavam quase todos os grandes escritores. Muitas vezes, de dia, eu disfarçava-me de carroceiro para obter informações para a Resistência. E à noite, depois de percorrermos os salões, acabávamos a noite na editora, a fumar e a divagar de como o quarto de Van Gogh

nos protege do demónio do esquecimento... Não há pior demónio que o esquecimento... Apareciam também os da Resistência. E quando o dia se anunciava já todos sonhávamos com um campo imensamente livre, com milhares de girassóis a perder de vista... milhares de girassóis...

O Casimiro aparecia só de vez em quando, porque era lenhador em Caillau. Calhau! Que terra aquela, com aquele nome!

Tinha umas sobrancelhas fartas que nem uma coruja! Os alemães apanharam-no a 10 de Junho de 1944, acusando-o de ter fornecido provisões a terroristas. Levaram-no para a prisão de Saint Michel... A 9 de Agosto, encontramo-nos quase todos na estação de Bordéus. Fomos metidos no Comboio como gado...

Quando fecharam as portas do vagão, Casimiro ainda tentou animar a rapaziada... Parece que o estou a ver...

(faz de Casimiro) **Vêem estas sobrancelhas? Estas grossas sobrancelhas a debruarem-me os olhos? Pois fez de mim o terror das crianças em Loulé. Chamavam-me sempre o Mouro. Olha o Mouro, “fujem, fujem”!, gritavam quando eu passava a correr na minha bicicleta. E quando**

assim gritavam e fugiam de mim, a minha bicicleta parecia um cavalo!

(corre como se estivesse numa bicicleta)

Aquilo é que era! Cavalgar os cerros pelo Algarve fora! O silvo dos raios a recortar o vento e eu a imaginar-me o herói de um livro. Às vezes um cavaleiro mouro, outras vezes um mártir cristão a fugir dos algozes... nunca um judeu, Tomás...

la sempre de rosto levantado, sempre a abrir as sucessivas cortinas de nevoeiro e nos saltos dos declives, ups!, erguia as costas como se estivesse sobre o lombo verdadeiro de um cavalo! (sai da “bicicleta”) Aquela bicicleta relinchava de verdade! E por onde eu passava, o povo gritava, Corre, Casimiro, corre!!!... Depois, lá tinha que me meter entre os fornos da fábrica de tijolos onde eu trabalhava! Mas eu adorava as labaredas e a cor do barro!

Um dia, perguntei à minha mãe se Cristo andava a cavalo por Jerusalém. Disse-me que não. Quando muito, entrou em Jerusalém montado num jumento. Num jumento...? Nunca mais consegui ser um católico nem muito nem pouco convicto.

(Som de apito de comboio; Tomás deixa de fazer de Casimiro)

Voltamos para trás. A gare de Angoulême está toda destruída por bombardeamentos. Somos encarcerados na sinagoga de Bordéus. 28 dias.

Já o medo então nos roía a todos por dentro da alma... Casimiro continuava as suas histórias para nos distrair... para nos dar força!

(volta a ser Casimiro) **Numa noite de Inverno, o patrão mandou-nos trabalhar até de madrugada. Tijolos, telhas e tijoleiras! Um forno infernal. Quando saí, na minha bicicleta a relinchar, abeirei-me da ribeira de Quarteira. Estava todo assado.**

Ajoelhei-me, bebi água pelas mãos e lavei a cara. Apesar dos ventos frios do Norte de África, o calor da fábrica entranhava-se na pele e ficava lá a cozer-nos o sangue e as tripas durante dias e dias.

Eis senão que ao levantar a cabeça, vejo um cavalo monstruoso, da cor do tijolo, a empinar-se sobre mim. Caí logo ali, arregalei os olhos primeiro e depois fechei-os bem fechados. Ai minha mãe que vou ser esmagado!

O sangue gelou-se-me. Ouvi perfeitamente a ira do animal a relinchar-me aos ouvidos, tapei a

cara com a mão. Senti aquele bafo quente das narinas do bicho. Fiquei todo molhadinho com aquele bafo. Até que o animal, cor de tijolo na noite escura, se afastou. Não sem antes me dirigir um olhar reprovador, um olhar que me fez parar o coração. E eu morri, meus amigos! Morri naquele instante com o coração gelado!

Mas regresssei do mundo dos mortos! E se voltei cá, foi por algum motivo. Quando acordei, disse para mim: faz-te à vida, Casimiro! Aqui, vives com o terror da Guerra espanhola. E vim para França, trabalhar com o meu irmão... Tentar a sorte... Que sorte! Acho que aquele cavalo, da cor do tijolo, foi uma premonição... Agora, sinto que vou morrer entre labaredas. Da cor do tijolo. Como na minha terra... Como na fábrica... Entre tijolos, telhas e tijoleiras... e carne humana...

(Som de bombardeamentos; Tomás deixa de fazer de Casimiro)

A 11 de Agosto, a viagem recomeça. Chegamos às portas de Nime às 3 da tarde. O comboio é impedido de continuar por causa dos ataques das forças Aliadas e da Resistência. Isso alegrava-nos, tínhamos esperança. Alguns conseguiram escapar... Estava um calor infernal dentro do vagão... e a história do Casimiro não ajudou nada...

Pobre Casimiro... acabou por perder a vida em Neuengamme, para onde foi mandado, depois de termos chegado a Dachau.

Foi o português com o número de 61393. Não chegou a sobreviver dois meses em Neuengamme. Ali morreu no crematório, às 7h50 do dia 18 de Dezembro de 1944... Os senhores alemães registaram que foi uma infecção de intestino...

Entre tijolos, telhas e tijoleiras... e carne humana...

Que inferno...

Passamos por Remoulins, Roquemaure, Pierrelatte, Livron-Loriol, Isère, Dijon!... Chegamos a Dijon a 24 de Agosto.

Já muitos tinham morrido de fome. Foi todo este tempo sem pão, sem água... Um deles foi o Abel, o Abel Carvalho... dizia que era de uma terra de Portugal onde tudo era verde e água e onde cresciam hortênsias azuis pelos caminhos, como espuma abundante de mar...

Uma terra chamada Vila Verde, no Norte português... O Abel era dos mais refinados aliados da Resistência! Inteligente, educado... um homem tão bonito!... E cantava... Dizia: **quando voltar a Vila Verde, vou ser regente de uma banda filarmónica!...**

Canta canção tradicional de embalar

... Em Dijon a esperança cresceu em nós! Cresceu como lírios do campo! Ouvíamos os funcionários franceses da Estação a dizerem (*mima franceses em tom de aflição*): **“Vous ne peut pas voyager, ne**

**peut pas! Toutes les lignes nord sont détruits!...
C'est impossible!..."**

Mas quê?! O demónio voltou a partir pela noite... Maldito comboio que continuou em direcção à fronteira alemã!... Com a velocidade de um raio!! E cada vez mais depressa, mais depressa, entre fumo, pedregulhos, bombas, pum!!, mais depressa, até que... vimos passar a placa Sarrebrück! (*grita em desespero*) Sarrebrück!....

No dia seguinte, 28 de Agosto, Dachau... Dali, o Casimiro foi para Neuengamme e eu para Ebensee, em Mauthausen...

O Alberto Mateus, acabaria por morrer ali em Dachau, a 29 de Abril de 1945... um rapaz cheio de força, só falava de Serpa, uma terra do Alentejo de Portugal... Dizia ser uma terra loura e amável como o zumbido de uma abelha depois de encher um favo de mel... 46 anos. Tão doce o Alberto... Tinha um tio que fazia queijos, tão redondinhos e saborosos que nas manhãs de Primavera os ratinhos faziam um bailado de agradecimento no redil das ovelhas! (*ri*)... Tanta graça que ele tinha!...

O Emil Ròzsa ofereceu-me um disco de rapazes cubanos... Chegou à editora todo alegre!...

(*faz de Emil*) **Tomás, mon cher, Tomás !... Hoje conseguimos eliminar todas as comunicações dos alemães a partir de Paris! E como tal... presentes!! Batatas! E este disco maravilhoso! (coloca-o num gramofone imaginário e dá à manivela) Vem cá, Tomás, em nome da poesia, dança comigo!...** (*música Rumba Azul dos Lecuona*)

Cuban Boys) **Não, Senhor Tomás, não... tem que ser assim, de leve... Mais leve... ai... Mais leve!** *(Tomás despe o pijama e veste a cadeira com o mesmo)... (enquanto se veste novamente)* **Esta noite tive um sonho terrível, Tomás! Sonhei que os alemães me faziam furos na cabeça e me inundavam as veias de mercúrio... furos na cabeça a sangue frio... Fiquei cheio de vergonha. Ninguém pode ser assim tão monstruoso...**

(como Tomás) Mas eles são assim monstruosos... São-no, Emil! *(acaricia a cabeça)* Eu vim de Dachau para Mauthausen, entrei aqui a 16 de Setembro. Número 99347. Vim para o campo Ebensee, o pior deles todos!! Lembro-me que às 17h45 de 16 de Novembro de 1944 deram-me a última das injeções... de tifo e cólera, lá no laboratório das experiências humanas... Mas estavam sempre a dizer que eu estava com broncopneumonia e problemas cardíacos...

O José das Neves ficou em Dachau, com o Américo da Costa, que era do Porto... Sinto no meu espírito que estão livres...

E eu permaneço aqui em Mauthausen... Cabeça perigosa!

(deita-se)

Cheira-me a girassóis amarelos...

Quando o cheiro dos girassóis amarelos enche todo o quarto de Van Gogh, como está agora a cheirar... cheira tanto!... Pergunto se é a liberdade que me

virá visitar esta noite... (*ordenando brandamente*) Tchekhov, confere a lista das visitas para esta noite (*faz gesto e sons das possíveis expressões do focinho de Tchekhov*). Não, ainda não será nesta noite. Já não acredito que venha algum dia a conhecer a liberdade... (*sorri*).

(*luz desce de intensidade até escuridão; à medida que esta luz desce, abre uma outra apontada a uma jarra com girassóis como a do quadro de Van Gogh; a jarra está enquadrada por uma moldura suspensa*)

Cheira-me tanto a girassóis amarelos... “e eu sonho com um túmulo, profundo e estreito, onde podemos apertar-nos um ao outro com os nossos braços como se fossem ganchos, e eu esconderia o meu rosto em ti e tu esconderias o teu rosto em mim, e ninguém jamais nos iria ver, nunca mais...”

Oculto-se entre os sacos. As botas ficam à vista.

FIM

Tomás Vieira, carroceiro em Paris, nascido a 7 de Março de 1890, em Albufeira, foi deportado para Dachau, a 9 de Agosto de 1944, no “Comboio Fantasma”, com outros oito portugueses, entre eles, os louletanos Casimiro Martins e Manuel João. A 14 de Setembro desse ano foi transferido para o comando Ebensee de Mauthausen, uma unidade subterrânea de produção de armamento, a que os nazis deram vários nomes de código (Kalk-Calcário ou Zement-Cimento, entre outros) com o objectivo de disfarçar a sua função: o extermínio. O albufeirense entrou neste campo a 16 de Setembro e deram-lhe o nº 99347. Entre os campos satélite de Mauthausen, Ebensee era considerado como um dos que tinha piores condições, e uma das taxas de morte mais elevadas. O Livro da Morte do campo refere que Tomás Vieira morreu às 17h45 do dia 16 de Novembro de 1944. A causa de morte que lhe foi atribuída foi “brucopneumonia e problemas cardíacos”. Testemunhos de outros judeus indicam que Tomás Vieira tenha sido alvo de experiências clínicas, nomeadamente, injectado com bactérias de tifo e cólera. De resto, o espancamento com bastões de ferro tinha sido diário. Por este tipo de tratamen-

to, tudo leva a crer que, para além do seu nome judaico, também pertencia à Resistência francesa, como a maioria dos que foram transportados no “Comboio Fantasma”.

Mauthausen situa-se a cerca de 20 km da cidade de Linz. Ao contrário de outros campos nazis que recebiam gente de todas as classes e categorias, era destinado apenas a integrantes da Intelligentsia dos países ocupados, pessoas da alta sociedade e de maior grau de educação e cultura. Estes intelectuais foram usados para o esforço de guerra alemão, trabalhando em pedreiras e fabricando armas, munições, peças de aviões e minas, sob um regime de trabalhos forçados que causou centenas de milhares de mortos. Foi um dos primeiros complexos de campos de concentração da Alemanha nazi e o último a ser libertado pelos Aliados ao fim da guerra. O campo foi libertado pelos norte-americanos a 5 de Maio de 1945. Dos mais de 200 mil prisioneiros ali existentes, restavam 85 mil.

Luísa Monteiro